



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AUTOIMAGEM E PERCEPÇÃO DE SI A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA COM O RETRATO FOTOGRÁFICO**

Robson Tiago de Santana Padilha

Rio de Janeiro – RJ  
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AUTOIMAGEM E PERCEPÇÃO DE SI A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA COM O RETRATO FOTOGRÁFICO**

Robson Tiago de Santana Padilha

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo

Orientador: Prof. Dra. Maria Teresa Ferreira Bastos

Rio de Janeiro – RJ  
2016

# **REFLEXÕES SOBRE AUTOIMAGEM E PERCEPÇÃO DE SI A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM O RETRATO FOTOGRÁFICO**

Robson Tiago de Santana Padilha

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



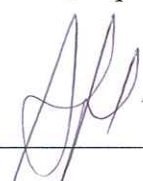
---

Prof. Dra Maria Teresa Ferreira Bastos, ECO/UFRJ



---

Prof. Dr. Ivan Capeller, ECO/UFRJ



---

Prof. Dr. Afonso Claudio de Figueiredo, ECO/UFRJ

Aprovado em: 9/3/2016

Grau: 9,5

Rio de Janeiro – RJ  
2016

PADILHA, Robson Tiago de Santana Padilha.

Reflexões sobre autoimagem e percepção de si a partir da experiência com o retrato fotográfico / Robson Tiago de Santana Padilha – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016 74f.

Relatório Técnico (graduação em Comunicação Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Maria Teresa Ferreira Bastos

1. Fotografia
2. Retrato
3. Pose
- I. BASTOS, Maria Teresa Ferreira
- II. ECO/UFRJ
- III. Radialismo

Aos meus avós Antonieta, Tito, Dulce e Benedito.

## AGRADECIMENTOS

Pensava que este momento nunca chegaria. Muitas noites foram mal dormidas antes mesmo da inscrição na disciplina Projeto Experimental em Radialismo acontecer. Estou agora emocionado por finalmente poder escrever o quanto sou grato a todos que passaram por meu caminho e por tudo que aconteceu até aqui. Agradeço ao Pai Celestial.

Agradeço à minha mãe pela paciência diante de ataques de ansiedade e constantes mudanças de humor ao longo destes anos e, principalmente, por seu amor.

Agradeço aos professores da ECO por todo o conhecimento compartilhado e por fazerem dessa Escola o melhor lugar para aprender.

A todos os meus amigos da faculdade, com destaque para Debora, Juliana, Matheus, Brena, PV e Melissa. Companheiros de aventuras, desilusões, acertos e erros.

Às minhas chefes Marcela Magalhães, Mariana Martins e Ana Vargas pelo constante incentivo aos meus estudos, respeito por minhas escolhas e, acima de tudo, pela amizade, carinho e consideração. Sem vocês isto não seria possível.

À Luiza Alvim e Mario Feijó por serem os anjos que me salvaram nesta faculdade. Se não fosse por vosso cuidado e atenção com os alunos, eu poderia não estar aqui.

Aos amigos Juju, Yuri, Vânia, Silas, Caio, Raquel, Maria Clara, Bruna, Gui, Fabio, Isabel, Thiago Ruiz, Igor, Vinicius e suas famílias por me acolherem e cuidarem de mim. Por acreditarem no meu potencial e relevarem meus erros em prol da nossa amizade.

Ao Thiago Carinha e Vivian por me ajudarem a colocar a cabeça no lugar e trazerem paz ao meu coração.

Aos amigos que fiz em Portugal, por mudarem minha vida e a forma como vejo e vivencio o mundo.

À Mariana Raniere, Marcella Lima, Leandro Brito, Glaucé Nemitz, Diogo Lopes, Flora Barreto e Felipe Vommaro por serem, há tanto tempo, os irmãos que pude escolher. Sou grato pela torcida, apoio e choques constantes de realidade em 12 anos de amizade.

Às minhas tias Rose e Creuza, por terem me dado as mãos e um pedaço enorme de seus corações e à minha prima Fernanda, pelo compartilhamento de sonhos e parceria na construção da realidade.

Agradeço enormemente à Teresa Bastos por sua orientação paciente, serena e ponderada. Por seu jeito incluyente de ensinar e por sua sabedoria. Obrigado por ter me iniciado em um mundo que sempre quis conhecer, mas ainda não sabia como acessar.

Por fim, agradeço à Manuelle Gaião por lutar por mim e devolver mais do que minha vida acadêmica: a minha autoestima e perspectiva de futuro.

“Nadar estabelece uma distinção nítida entre a própria maneira de fotografar e o retrato banal, que considera um produto da teoria fotográfica. Se esta podia ser aprendida numa hora, seguida da aquisição de conhecimentos técnicos durante um dia, o que não podia ser aprendido era o “sentimento da luz”. Cabia ao fotógrafo-artista captar a relação entre corpo e luz, pois dela derivava a possibilidade de obter o entendimento moral do sujeito – aquela compreensão instantânea que o coloca em contato com o modelo, o ajuda a resumilo, o dirige para seus hábitos, suas ideias e seu caráter e lhe permite produzir não uma reprodução indiferente, [...] mas uma semelhança realmente convincente e empática, um retrato íntimo”.

(Felix Nadar apud Annateresa Fabris)

PADILHA, Robson Tiago de Santana Padilha. **Reflexões Sobre Autoimagem e Percepção de si a partir da Experiência com o Retrato Fotográfico**. Orientador: Maria Teresa Ferreira Bastos. Rio de Janeiro, 2016. Relatório Técnico (Graduação em comunicação Social, Habilitação Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 74f.

## RESUMO

O presente Trabalho compreende a descrição do processo de elaboração de retratos fotográficos, desde a sua concepção até a seleção e apresentação das imagens. Neste projeto experimental, o autor explora a pose, o comportamento e a intimidade através da vivência e observação da relação entre fotógrafo, câmera e fotografado. A obra, composta por fotografias e relatos de ensaios feitos com modelos, tem como objetivo experimentar e melhor compreender o desenvolvimento de questões ligadas à autoimagem e percepção de si no momento da produção de um retrato fotográfico em estúdio, seu lugar por excelência.

FOTOGRAFIA, RETRATO, POSE



PADILHA, Robson Tiago de Santana Padilha. **Reflexões Sobre Autoimagem e Percepção de si a partir da Experiência com o Retrato Fotográfico**. Orientador: Maria Teresa Ferreira Bastos. Rio de Janeiro, 2016. Relatório Técnico (Graduação em comunicação Social, Habilitação Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 74f.

### **ABSTRACT**

This report includes the description of the production process of photographic portraits, from its conception to the selection and presentation of images. In this experimental project, the author explores pose, behavior and intimacy through experiencing and observation of the relationship between photographer, camera and the photographed person. The work consists of photographs and essays reports made with models, and aim to try a better understanding of issues of self-image and self-perception by the time of the production of a photographic portrait in a studio, its place for excellence.

PHOTOGRAPHY, PORTRAIT, POSE

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
1.1 Objetivo – Justificativa - Contexto do trabalho .....	11
1.2 Organização do Relatório .....	17
2. PRÉ-PRODUÇÃO .....	17
2.1 Desenvolvimento do produto fotográfico .....	17
2.1.1 Público .....	17
2.1.2 Concepção da Obra e Pesquisa por Referências.....	18
2.1.3 Infraestrutura necessária.....	22
2.1.4 Equipamentos .....	23
2.1.5 Aquisição de direitos de Imagem .....	23
2.1.6 Definição da locação .....	24
2.1.7 Orçamento e fontes de financiamento.....	24
2.2 Planejamento e organização dos ensaios .....	25
2.2.1 Cronograma .....	25
2.2.2 Definição da equipe técnica.....	25
3. PRODUÇÃO.....	25
3.1 Realização das fotos.....	26
4. PÓS-PRODUÇÃO .....	58
4.1 Seleção e tratamento do material .....	58
4.2 Ampliação .....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
BIBLIOGRAFIA .....	61
APÊNDICES .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Objetivo – Justificativa - Contexto do trabalho

Este projeto tem como objetivo vivenciar o processo fotográfico através de ensaios com foco na produção de retratos e também experimentar o relacionamento entre modelo, câmera e fotógrafo, observando e levantando questões que permeiam e surgem neste momento tão específico. Levando em consideração a percepção do modelo sobre si e sobre a sua imagem, o experimento em questão tem como principal ponto de partida a afirmação de Roland Barthes em seu livro *A Câmara Clara* (1984).

Ora, a partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”. Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. (Barthes, 1984, p.22 )

O interesse por este tema nasceu com a oportunidade que tive de frequentar como ouvinte as aulas de Fotografia e Cena Expandida na Pós-Graduação em Artes da Cena na ECO-UFRJ ministrado pela professora e minha orientadora Teresa Bastos, especialista em retrato fotográfico. Ao longo dos meses sob sua orientação, entrei em contato com a história do retrato, que aqui chamarei de *portrait*<sup>1</sup>, e isto desenvolveu em mim interesse genuíno por vivenciar o momento em que o *portrait* é feito e tudo o que envolve sua construção e concepção. Estas aulas impulsionaram minha pesquisa. Voltei minha atenção para obras de fotógrafos renomados, dos mais antigos aos mais contemporâneos tendo como meus favoritos Félix Nadar, Disdéri e Nan Goldin. À medida em que eu pesquisava o *portrait* desde o seu início - com Nadar explorando o rosto e o psicológico de seus fotografados, famoso por conseguir a “semelhança íntima” em seus retratos e Disdéri, mestre em retratar poses de corpo inteiro repletas de teatralidade e reveladoras de comportamentos sociais - ia descobrindo, para além da história e teoria, preferências estéticas e motivações semelhantes, o que me levou a Nan Goldin e sua fotografia de cor exuberante que mostra de forma sensível o tipo humano, como se revelasse, em seus retratos, as suas almas.

---

<sup>1</sup> Apesar de o termo ter tradução em português, optei por utilizá-lo em francês uma vez, segundo Bastos, no Brasil o termo “retrato” não se restringe mais exclusivamente ao gênero, mas tornou-se sinônimo de fotografia. (BASTOS, 2007, p.32)

Goldin começou a fotografar ainda muito jovem, com quinze anos de idade. Algum tempo depois foi apresentada à comunidade LGBT de Boston por um amigo e suas fotografias passaram a retratar gays e transexuais que ela se tornara amiga. Diferentemente de alguns fotógrafos da época, Goldin não estava interessada em fazer uma análise psicológica dos gays e *drag queens* que conhecia. Ela era genuinamente apaixonada por eles. Sentia respeito e admiração por seus amigos e glorificava-os por sua capacidade e coragem de se expôr. Suas fotografias intensas e cheias de cores retravam bem o mundo em que vivia e sua paixão pelas relações humanas me serviu como inspiração.



*Fotografias feitas por Nan Goldin*

A possibilidade de ficar frente a frente com alguém e tentar percebê-la através de uma objetiva criava em mim uma expectativa diferente, justamente por ser algo inédito em minha vida e que traria, ainda, a chance de sentir tudo aquilo que vinha lendo e me fascinando até então.

A justificativa para levar adiante esta investigação é de motivação pessoal. Há algum tempo tenho contato com a fotografia. Frequentei cerca de 4 cursos e aulas no Brasil e no exterior e há, pelo menos, 5 anos venho trabalhando como fotógrafo bissexto. Contudo, nunca tive a oportunidade de estudar a fundo a história da fotografia, tampouco tive a chance de ficar a sós com alguém para fotografar. Tudo que estudei sempre envolveu muito mais a técnica e passava de forma sutil ou superficial pela história da fotografia. Tudo o que fotografei profissionalmente envolvia grupos de pessoas, ambientes externos, ruídos, pressa, diversos equipamentos e, na maioria das vezes, muita tensão. Minhas fotografias não profissionais, no entanto, sempre buscaram retratar o cotidiano de viagens e lugares e, principalmente, o dia-a-dia de pessoas de forma despretensiosa e simples e a experiência de poder assistir as aulas na pós me acrescentou muito mais que conhecimento. Aquele conteúdo me despertou desejo. Me vi intrigado e instigado a investigar o *portrait* e aquela vontade crescente me ajudou a definir este projeto da forma que está agora.

Como já explicitiei anteriormente, sempre tive interesse por pessoas e seus comportamentos. No entanto, era difícil expressar o que sentia a respeito das fotos feitas por mim e sobre a relação das pessoas com as suas próprias fotografias no momento em que as viam quando me faltavam palavras, conteúdos e, principalmente: experiência com o *portrait*.

Após decidir qual seria o tema da minha pesquisa, demorei muito até delimitar o projeto. No início, passei por intenções redundantes e um pouco equivocadas, desde tentar conceituar a beleza até tirar conclusões precipitadas sobre como as pessoas se comportam, mas foi ao ler um trecho da tese de doutorado de Bastos que percebi o que de fato deveria fazer: experimentar.

Observo o *portrait* fotográfico no limiar da criação onde se estabelecem relações de troca, de poder. Relações de espera do tempo do outro, ou da imposição do tempo próprio. Espera do silêncio, do vazio, ou imposição do movimento e da pose. Decisões sobre os gestos, o corpo, a roupa, a composição do cenário e figurino, a articulação dos objetos/signos. Perceber o grande teatro que é o *portrait*. Momento de espelho, em que estamos sendo vistos pelo olhar do outro. Em que o outro nos vê com toda a complexidade de sua vivência, desejos, frustrações, etc. Momento de sutileza, de pânico de exposição para alguns. De deleite em exhibir-se, para outros. Momento de se respirar para alguns, ou de tremer, para outros. Há um lugar em que esse

encontro toma forma. Não se trata da intimidade resultante da descida à “profundeza da alma”, mas da contaminação produzida pelo contato momentâneo de superfícies, de aparências. Deixar que o outro esteja à vontade, se for o caso. Ajudá-lo a ficar, se necessário, lembrando a ele o que parece ou aquilo a que gostaria de assemelhar-se. O que é belo na vida. O que é forte. O que é delicado. O que é sensual. O que se apodera, dá poder. Há frases. Há silêncios. (Bastos, 2007, p.43)

Com esta experiência, tento observar o modelo enquanto criador de sua própria imagem, levando em consideração que este tem o controle sobre seu corpo e é o possuidor por natureza de suas formas físicas. Diferentemente do retrato pictórico, onde o artista poderia interferir nas formas do retratado, no retrato fotográfico a câmera faz um registro do real. Existe uma grande idealização em torno do *portrait* por, supostamente, fornecer um registro perfeito e fiel. As formas físicas de cada modelo não podem ser alteradas. Com isso, alguns pensamentos me ocorreram. Como é a relação da pessoa com a sua imagem na fotografia? O que esta imagem pode evidenciar sobre a forma que o indivíduo pensa sobre si e sobre suas qualidades físicas, por exemplo? Consigo perceber tudo isso através da pose? Felix Nadar afirma que “a opinião que cada um tem das próprias qualidades físicas é tão benevolente que a impressão primeira de todo modelo diante das provas de seu retrato é, inevitavelmente, de desapontamento e de recusa...” (Nadar apud Fabris, 2004, p. 27). Será que com todo modelo é assim? E os que já conhecem melhor seus melhores ângulos e, principalmente, poses? Será que reagem da mesma forma quando enxergam o registro de si em forma de retrato? A pose diz muito sobre quem está diante da objetiva. Para Barthes “o que funda a natureza da fotografia é a pose.”

Pouco importa a duração física dessa pose; mesmo no tempo de um milionésimo de segundo (a gota de leite de H.D Edgerton) sempre houve pose, pois a pose não é aqui a atitude alvo, nem mesmo a técnica do Operator, mas o termo de uma “intenção de leitura: ao olhar uma foto, incluo fatalmente em meu olhar o pensamento desse instante, por mais breve que seja, no qual uma coisa real se tornou imóvel diante do olho. (Barthes, 1984, p. 117)

O que essa pose pode revelar? Como esse momento no qual algo real se tornou imóvel será encarado? Será que o modelo/criador se reconhece, afinal, em seu retrato? Não falo apenas dos traços fisionômicos, mas, também, da relação com a própria identidade. Este modelo se enxerga ali? O olhar do fotógrafo pode influenciar nisso? Investigar a interação do

modelo com o seu *portrait* pode sugerir ou até mesmo evidenciar por completo inúmeras questões de autoimagem. Annateresa Fabris, em seu livro *Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico* (2004), descreve bem este processo:

O retrato, de fato, ativa um mecanismo que faz o indivíduo alcançar a própria identidade graças ao olhar do outro [...] Meio constitutivo da consciência social de si, o retrato fotográfico é fruto de uma relação que ordena de maneira coerente o dispositivo da tomada, o olhar do operador, o lugar do modelo para que deles resulte a imagem de uma identidade que se confunde com os traços fisionômicos. Esse mecanismo social que permite construir uma noção de identidade graças a um olhar exterior, nem sempre coincidente com a própria autoimagem. (Annateresa Fabris, 2004, p. 51)

Fernando Pessoa, em um episódio do *Livro do Desassossego* (1982, p.153) consegue ilustrar bem a sensação de se olhar em um retrato de grupo e comparar o que se vê com o que se pensa de si:

Hoje quando cheguei ao escritório, um pouco tarde, e, em verdade, esquecido já do acontecimento estático da fotografia duas vezes tirada, encontrei o Moreira, inesperadamente matutino, e um dos caixeiros de praça debruçados rebuscadamente sobre umas coisas enegrecidas, que reconheci logo, em sobressalto, como as primeiras provas das fotografias. Eram, afinal, duas só de uma, daquela que ficara melhor. Sofri a verdade ao ver-me ali, porque, como é de supor, foi a mim mesmo que primeiro busquei. Nunca tive uma ideia nobre da minha presença física, mas nunca a senti tão nula como em comparação com as outras caras, tão minhas conhecidas, naquele alinhamento de quotidianos. Pareço um jesuíta fruste. A minha cara magra e inexpressiva nem tem inteligência, nem intensidade, nem qualquer coisa, seja o que for, que a alce da maré morta das outras caras. Da maré morta, não. Há ali rostos verdadeiramente expressivos. O patrão Vasques está tal qual é — o largo rosto prazenteiro e duro, o olhar firme, o bigode rígido completando. A energia, a esperteza do homem — afinal tão banais, e tantas vezes repetidas por tantos milhares de homens em todo o mundo — são todavia escritas naquela fotografia como num passaporte psicológico. Os dois caixeiros viajantes estão admiráveis; o caixeiro de praça está bem, mas ficou quase por trás de um ombro do Moreira. E o Moreira! O meu chefe Moreira, essência da monotonia e da continuidade, está muito mais gente do que eu! Até o moço — reparo sem poder reprimir um sentimento que busco supor que não é inveja tem uma certeza de cara, uma expressão direta que dista sorrisos do meu apagamento nulo de esfinge de papelaria. O que quer isto dizer? Que verdade é esta que uma película não erra? Que certeza é esta que uma lente fria documenta? Quem sou, para que seja assim? Contudo... E o insulto do conjunto? (Fernando Pessoa, 1982, p. 153)

A fotografia, para muitos, é considerada testemunho: atesta a existência de uma realidade. Não à toa o retrato fotográfico passou a ser utilizado para fins científicos, judiciais, de identificação civil e oficial. É o retrato no passaporte que diz se quem o porta é de fato seu

dono, e não o contrário. Não é a própria pessoa quem confirma a sua identidade e, sim, a sua imagem submetida ao olhar do outro. Segundo Bastos,

A identidade é dada por quem vê a foto, a partir de quem posa para a mesma e de quem a faz, ou seja, a partir da relação modelo com o fotógrafo. Mas o que está em questão, nesse momento, vai de encontro ao rastro de ausência que a imagem indica depois de pronta, ou seja, o rosto identificado não está na imagem, mas é evocado por ela. Saímos, então, do mundo da identidade real para a virtual, em que a imagem corresponde à falta do objeto, já que ela vale como signo/representação do que está ausente. O *portrait* existe ali, enquanto imagem, e é nossa necessidade de que ele identifique uma pessoa real/viva que o retira do seu universo artístico. (BASTOS, 2007, p. 36)

No entanto, ainda citando Bastos, a identidade no *portrait* pode possuir cunho além do biográfico, assumindo um caráter de criação, uma imagem que se desvincula do sujeito e passa a ser autônoma.

Pois, se a biografia é um dos muitos usos do *portrait* fotográfico, desde os primórdios de sua produção, no século XIX, tomá-lo do ponto de vista da ausência referencial, como propõe Blanchot, torna o caminho fértil para uma análise de sua criação artística. “Comme le monde de l’art est lié à l’absence, le temps de l’art rapport à l’éternelle répétition « . (Blanchot, 1971, p. 44) Ao mesmo tempo que essa noção de ausência nos permite interrogar e refletir sobre o *portrait* na condição de imagem de vida autônoma diante do espectador, possibilita enveredar por um caminho oposto ao que o próprio termo “biografia” nos conduz; sendo assim, a produção da identidade não seria o principal objetivo desse tipo de imagem, mas sim a experiência de seus produtores de criação de uma semelhança com o modelo, recuperada pelo espectador no momento em que a olha. (BASTOS, 2007, p. 35)

Como busco neste projeto entender como o modelo se relaciona com sua imagem, evidenciando como ele se concebe e, posteriormente, se percebe no *portrait*, considero a afirmação abaixo de suma importância, pois foi utilizada como um norte relevante para alcançar os objetivos preconizados aqui, ao levar em consideração não somente o olhar do outro, mas, principalmente, o olhar do próprio fotografado sobre seu retrato.

Ao olharmos o *portrait* fotográfico de determinada pessoa, logo tendemos a formar, a partir daquela imagem, uma ideia de quem ela é. Um retrato de alguém é um atestado de existência quase impossível de ser desmentido. Daí a sua forte ligação com o biográfico. Olhar um rosto no *portrait* é quase sempre dar-lhe uma identidade. É, na maioria das vezes, deixar que ele nos conduza a determinada personalidade, que viveu em um período histórico definido, pertencente a uma determinada classe social. (BASTOS, 2007, p. 35).



## 1.2 Organização do Relatório

O relatório está organizado em capítulos que detalham todas as etapas do presente projeto.

No capítulo *Pré-Produção*, são evidenciados os processos necessários ao desenvolvimento deste projeto como a pesquisa por referências até o momento de concepção da obra.

O capítulo *Produção* compreende a fase prática do trabalho, da momento seguinte à concepção até o último ensaio fotográfico em estúdio. Contém também todos os relatos destes ensaios, feitos em forma de diário.

Por último, no capítulo *Pós-Produção*, estão explicitadas os processos pós-ensaios de seleção e tratamento das imagens e a maneira como seriam apresentadas ao público.

## 2. PRÉ-PRODUÇÃO

Este capítulo compreende o processo anterior à produção das fotografias deste projeto e aborda sua concepção e referenciais estéticos, relevantes à posterior realização.

### 2.1 Desenvolvimento do produto fotográfico

Este projeto foi realizado a partir do conjunto de 8 ensaios cujo objetivo era a produção de retratos fotográficos com o intuito de vivenciar e observar este momento para abordar questões sobre o relacionamento de fotógrafo e fotografados e a forma como estes percebiam sua própria-imagem. A partir de conceitos de intimidade, pose e identidade, relatos sobre os modelos foram feitos em forma de diário revelando a experiência do autor por um viés subjetivo.

#### 2.1.1 Público

Esta obra é direcionada a todos o que possuem curiosidade sobre o retrato fotográfico, principalmente sobre as relações presentes nele e percepções surgidas através de sua experimentação.

### 2.1.2 Concepção da Obra e Pesquisa por Referências

A concepção deste ensaio partiu do desejo de experimentação e observação do processo técnico de construção de retratos fotográficos onde o autor poderia ser ao mesmo tempo fotógrafo, personagem e aprendiz. Este desejo surgiu a partir de conteúdos estudados em sala de aula e se expandiu para pesquisas bibliográficas extracurriculares. É neste momento que a concepção da obra se funde à pesquisa por referências, pois, no início do semestre, tinha apenas a certeza de que gostaria de realizar um projeto experimental em fotografia, mas, somente durante a pesquisa referencial, pude delimitar o tema e apresentá-lo como está. A busca se inicia pela história do *portrait*.

#### O Retrato Fotográfico

O retrato fotográfico surge no século XIX inspirado nos modelos pictóricos anteriores e em suas estratégias de representação: formato, pose, iluminação, etc. Felix Nadar (1820 – 1910) e André Adolphe Eugène Disdéri (1819 – 1889) são os maiores fotógrafos na altura e possuem estilos e intenções diferentes. O acesso ao retrato fotográfico, à época de seu surgimento, era restrito às camadas mais nobres da sociedade. No entanto, foi a partir de Disdéri e seu *carte-du-visite* com oito clichês que o retrato fotográfico se industrializa e populariza. Seu inventor e “primeiro produtor, sintomaticamente, tornou-se milionário” (BENJAMIN, 1985, p. 95) diante do desejo de ser retratado da crescente burguesia.

Fortemente vinculado a processos de identificação e de inscrição social, ele se afirma, nesse período, como suporte imagético destinado à idealização honorífica da classe burguesa em ascensão. Entretanto, somente se populariza, e se torna um gênero bastante cultivado pelos fotógrafos, a partir da entrada da fotografia em sua fase de industrialização.. O desenvolvimento tecnológico do dispositivo fotográfico permite seu barateamento fazendo proliferar os cartões de visita, os álbuns e os estúdios especializados nesse tipo de imagem. Atualmente, segundo Annateresa Fabris (2004, p.173), ele “remete ao corpo como espaço físico e como território para o qual convergem as pressões políticas, sociais e econômicas”. Múltiplas são as relações que se estabelecem na tomada fotográfica do retrato. É realidade complexa que, contudo, ainda traz a identidade como uma das questões centrais na relação que o homem estabelece com sua própria imagem. Como nos diz Lótman (2000), o retrato não é somente um documento que nos dá impressa a aparência do sujeito representado, é também a marca da linguagem cultural de uma época e da personalidade artística de seu criador (REIS e MORAIS, 2014, p.2)

O estúdio de Disdéri era repleto de objetos e artefatos que ajudavam na caracterização de seus modelos. Os retratos, abrangendo o corpo inteiro, corroboravam para a encenação e teatralidade da fotografia, muito vinculada à inserção social dos modelos representados.



*Os famosos clichês de Disdéri*

Já Nadar era conhecido por conseguir, em seu estúdio, a “semelhança íntima”, e esta intimidade não era somente adquirida através da pose e dos longos tempos de exposição dos modelos nos ateliês fotográficos, mas pela forma como o fotógrafo prezava pelos retratos que fazia. Artistas prestigiados da época o procuravam para a produção de seus *portraits*. Sarah Bernhardt, atriz dramática muito famosa na altura, foi uma de suas modelos. “A Divina Sarah”, como era chamada, posou para Nadar em 1864.

Optei, neste projeto, pelo estúdio, para conseguir, de alguma forma, vivenciar esta intimidade. Num misto entre Nadar e Disdéri, montei um espaço que permitisse retratos de

corpo inteiro como uma maneira de explorar melhor a pose e, ao mesmo tempo, como forma de criar um ambiente que favorecesse a intimidade.



*Sarah Bernhardt por Nadar*

### A pose

A pose tem sua origem na pintura como define Maria Inez Turazzi “posar, que vem do francês *poser*, deixa de ser tão somente o ato de colocar-se em situação de ser retratado através do pincel, pela sensibilidade de algum pintor (...). A pose, então passa a ser sinônimo de ‘postura estudada’, ‘artificial’”, (TURAZZI, 1995, p. 14), amplamente utilizada no campo da fotografia desde seu surgimento até os dias atuais. Nas fotografias de retrato, a pose é uma das marcas do período oitocentista, extremamente necessária devido às limitações técnicas que exigiam imobilidade do fotografado. Além da limitação técnica, a pose marca um tempo social e cultural, pois é através dela que o retratado internaliza a representação de determinado estilo de vida e padrão de sociabilidade condizente com os novos valores de classe que se pretendia instituir e perpetuar.

Este processo se iniciava no salão de pose, onde havia objetos, roupas, apoiadores e cenários que permitiam ao fotógrafo captar o papel representado. Apesar das melhorias técnicas dos equipamentos fotográficos que não demandavam mais o tempo da pose e de exposição, porque a fotografia tornou-se instantânea, a pose continuou a ser utilizada no século XX.

A pose é, portanto, imagem da pessoa, não do sujeito, imagem que a fotografia irá situar claramente no âmbito do artifício, quer pelo uso de recursos técnicos próprios, que estabelecem balizas seletivas na continuidade espacial e na seqüência temporal, quer pela possibilidade de dar vida a inúmeras máscaras, que transformam o sujeito primitivo não apenas em pessoa, mas em verdadeira construção ficcional. (FABRIS, 2009, p. 157).

Segundo Maria Inez Turazzi, no retrato fotográfico do século XIX, “posar representa a fabricação de um corpo em outro corpo, criando uma relação intrínseca entre o tempo de exposição do indivíduo no cenário e o tempo social necessário para a fabricação do papel que este irá representar diante da câmera.” (TURAZZI, 1995, p. 14).

Neste trabalho, no entanto, a pose não é analisada com o critério de pertencimento social, mas, sim, com o intuito de perceber melhor o modelo, a forma como se vê e se projeta e como ela pode impactar no seu retrato. Através da pose é possível observar se ele está à vontade com o ambiente, se sente-se ou não confortável diante da câmera. Se gosta de fotografar ou evita a todo custo a reprodução de sua imagem. Se interage com o cenário de forma usual ou de maneira diferente, criativa. Nas descrições dos ensaios, adiante, deixo claras algumas informações que só me foram possíveis concluir a partir da observação das poses dos modelos. Músculos descansados ou retraídos, ombros e troncos elevados ou caídos, olhar frontal para a câmera, com a cabeça erguida, demonstrando segurança ou olhar desviado, de cabeça baixa, tentando, de alguma forma, não se expor. Alguns modelos pareciam ter controle total sobre seus membros, movê-los com precisão, como se já soubessem o resultado daquela pose, esteticamente a seu favor, revelando autoconhecimento. Alguns deles, ao olharem suas fotos, não demonstravam surpresa. Outros olhavam espantados resultados que superavam suas expectativas, alguns já não gostavam do que viam. Esses resultados deixavam evidentes algumas questões sobre a auto-percepção. O desapontamento diante de uma pose que supostamente deveria ter resultado positivamente. Olhares criteriosos sobre a imagem do próprio corpo ou conformismo diante de uma situação que, para alguns, nunca iria mudar – iriam sempre se esquivar da câmera. Através da observação da pose foi possível entender qual parte de sua personalidade o modelo gostaria de evocar em seu retrato.

Ao colocar-se diante da lente do fotógrafo, o modelo, nos dias de hoje, não está necessariamente em busca da foto que o resuma em uma imagem, mas deseja fornecer ao espectador que pode ser ele mesmo, ou amigos, ou o público, facetas de si. Se a foto é guardada em álbum, divulgada em jornal, revista ou livro ou site, ou ainda se vai ser vista

em separado, em conjunto por amigos ou pelo público, é a partir daí que ela pode ser considerada biográfica ou não. (Bastos, 2007, p.13).

### 2.1.3 Infraestrutura necessária

#### A Intimidade

A opção pelo estúdio em vez de qualquer outro ambiente, principalmente os externos, se deu em função da busca pela intimidade. Local por excelência do retrato fotográfico - à parte de ruídos, pessoas, curiosos e possíveis distrações - colabora para o conforto do modelo e, conseqüentemente, sua confiança e posterior entrega ao momento fotográfico. O estúdio, antes uma sala de estar, também foi idealizado para destacar o corpo. Propositamente não continha muitos elementos, pois eu almejava saber como o modelo reagiria ao perceber que seu próprio corpo seria seu principal objeto de interação. O ambiente não contava com todos os artefatos comumente presentes nos estúdios de Disdéri, pelo contrário, possuía paredes brancas, cujo um dos objetivos principais era a valorização do corpo ao refletir os raios de luz, auxiliando na iluminação. Apesar dos poucos objetos disponíveis no espaço – livros, revistas, CD's e DVD's, violão, poltronas e *futton* confortáveis - a interação não era limitada, pois ela dependia da percepção e criatividade de cada modelo.

“O fotógrafo sempre vai captar momentos, feições, olhares, gestos do modelo. Alguns indícios do que ele é, pretende ou gostaria de ser. A noção de intimidade em relação ao momento fotográfico pode ser alcançada e observada de várias maneiras: pela escolha da lente, enquadramento da cena, efeitos de cópia, iluminação, observação atenta e intuitiva do modelo, bem como pela relação temporária que se consegue criar com o retratado. Esta independe de conhecimento prévio, é antes uma disposição para se tornar íntimo do que propriamente uma intimidade pré-existente.” (Bastos, 2007, p.41).

Alguns dos fotografados eram meus amigos próximos, pessoas que tenho convivido há algum tempo - duas delas por mais de uma década. Ainda assim percebi, naquele momento, características que antes estavam ocultas, evidências da personalidade delas nunca antes percebida. Não por eu não ter apurado os meus sentidos para tal percepção anteriormente, mas por não ter havido, até o presente, um momento de exposição tão intensa quanto o momento fotográfico, onde uma pessoa se vê sozinha consigo mesma e ao mesmo tempo sob o olhar do outro. Este momento, diversas vezes preenchido pelo silêncio, revelou uma intimidade que anos de relacionamento não havia feito antes.

A seleção dos modelos foi feita de forma simples, pois o meu interesse estava todo voltado para o momento da produção fotográfica e esperava que algo sempre acontecesse em cada ensaio, portanto, não importava idade, gênero, se eram ou não pessoas conhecidas. O convite, então, foi feito de forma despretensiosa a amigos, conhecidos e conhecidos de amigos. Em conversas presenciais, por mensagem ou telefone eu apenas perguntava se estavam interessados em fotografar durante algum tempo em estúdio, sendo o ensaio livre e respeitando as escolhas do fotografado. Não houve critério de seleção, apenas fiz o convite a pessoas que encontrava ocasionalmente durante a fase de leitura dos conteúdos que me orientaram neste projeto.

Cheguei à conclusão de que 10 retratos seriam suficientes para este experimento. No entanto, para garantir que cumpriria minha meta, chamei mais pessoas do que o número escolhido e 13 confirmaram. Como havia previsto, nem todas puderam comparecer e apenas 8 ensaios foram feitos, mas me dei por satisfeito com esta quantidade, pois a qualidade do projeto e seu objetivo principal não foram comprometidos.

#### 2.1.4 Equipamentos

Foi utilizada uma câmera profissional Nikon D5100, com objetiva zoom 18mm – 55mm para facilitar o enquadramento das fotos. Utilizei também um tripé de carbono e luzes de apoio incandescentes e fluorescentes, mas a principal fonte de iluminação era a janela, coberta com uma cortina de tecido branco transparente que funcionava como um difusor. Um rebatedor branco de isopor foi utilizado no chão embaixo e à frente do modelo nos momentos em que se fez necessário.

A lista de equipamentos se encontra no apêndice A.

#### 2.1.5 Aquisição de direitos de imagem

Todos os fotografados cederam livremente sua imagem de acordo com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal para a realização do ensaio, em qualquer uma de suas possíveis formas de veiculação, sem qualquer ônus. As cópias das autorizações de imagem encontram-se no apêndice E.

### 2.1.6 Definição da locação

O local definido para os ensaios fotográficos foi a sala da minha própria casa, por se tratar de um espaço onde eu possuía a possibilidade de alterar e acrescentar com total liberdade tudo o que julgasse necessário. Disponibilizei um quarto e um toalete, essenciais à execução deste projeto, como um espaço que pudesse funcionar como um camarim, oferecendo privacidade a quem optasse por trocar figurinos, maquiagem, ou precisassem simplesmente de um local reservado. Optei também por oferecer comidas e bebidas para tornar o ambiente mais acolhedor e a cozinha foi de grande suporte na preparação de aperitivos e bebidas, dispostos em seguida na mesa da antessala.



*O estúdio*

### 2.1.7 Orçamento e fontes de financiamento

A realização das fotos envolveu poucos custos. Por ter sido a locação minha própria casa, não foi necessário investimento financeiro em um estúdio profissional. Por já possuir a câmera e por ter o tripé emprestado por um amigo, os custos foram, basicamente, gerados pela



comida disponibilizada para os modelos, impressão dos relatórios para a banca e impressão e ampliação das fotos. Os gastos foram cobertos por mim, com dinheiro que havia reservado em conta bancária especificamente para o projeto.

O orçamento pode ser encontrado no apêndice C.

## 2.2 Planejamento e organização dos ensaios

A agenda de ensaios foi baseada em meu tempo livre e na dinâmica da casa. Cheguei à conclusão de que os finais de semana seriam a melhor opção para a produção dos retratos, tanto pela disponibilidade dos modelos quanto pela facilidade em pedir aos outros moradores que se retirassem. Por necessitar da luz que entrava pelas janelas, defini também que todos os horários compreenderiam a parte da manhã e da tarde, entre as 7 e as 17 horas.

### 2.2.1 Cronograma

O cronograma deste projeto está disponível no apêndice D.

### 2.2.2 Definição da equipe técnica

Por se tratar de um projeto que dependia do estabelecimento de uma certa intimidade e confiança entre fotógrafo e modelos, além de ser um experimento para responder a questionamentos subjetivos, optei por realizá-lo sozinho, sem o auxílio de equipe. Apesar desta prática já ser comum na fotografia, para mim tinha um peso essencial ligado à concepção desta obra. Para ter certeza de que tudo correria bem, fiz testes de iluminação e equipamentos previamente. Como decidi fotografar somente utilizando os recursos manuais da câmera, os testes me forneceram segurança no momento dos ensaios.

## 3. PRODUÇÃO

Após ter definido a forma como os ensaios ocorreriam, quem seriam os modelos e os aspectos referentes a equipamento e locação, comecei os experimentos no ambiente

transformado em estúdio em minha própria casa. Os relatos presentes neste capítulo foram feitos em forma de diário e abordam os aspectos fundamentais ao cumprimento dos objetivos deste trabalho.

Foram 5 dias de ensaios, 8 modelos fotografados, aproximadamente 11 horas de trabalho e cerca de 500 fotografias.

### 3.1 Realização das fotos

## ENSAIOS

### 13 de fevereiro, sábado – Primeiro ensaio

#### Modelo número 1 - Thiago Ramos

Chamei Thiago para fotografar e ele imediatamente aceitou, sem perguntar muita coisa sobre o ensaio e sem pedir mais informações. À hora marcada ele apareceu e a primeira coisa que pediu foi para tomar um banho, pois queria estar limpo para ser fotografado. O banheiro já estava preparado para aqueles que quisessem pentear o cabelo, colocar maquiagem ou vestir-se, mas a pergunta foi inusitada. Sem nenhuma objeção, dei-lhe uma toalha limpa e pedi que se sentisse à vontade. Ao término do banho, ele saiu ainda um pouco molhado, sem camisa e posicionou-se no sofá. Depois de avaliar o local, demorou-se um pouco mais na estante com *CD's* e *DVD's*. Viu um álbum da Sade e perguntou-me se eu poderia colocar pra tocar. Enquanto colocava, ele ia dizendo o quanto gostava dela e se acomodou confortavelmente. Rapidamente coloquei a câmera em frente a ele e sem me dirigir a palavra, Thiago começou a posar. De forma lenta e atenciosa, foi mudando suas posições e procurando acessórios ao seu alcance para utilizar. Seus movimentos eram um convite ao clique, era simplesmente impossível não querer fotografá-lo diante de sua desenvoltura e falta de inibição. Fez-se silêncio durante todo o ensaio, era apenas eu, ele e a câmera enquanto ele, sempre pausadamente, posava, a princípio, sem enfrentar a câmera. As posições eram diversas: mão no queixo, na cabeça, com o rosto erguido, com o olhar voltado para o lado, até que começou a enfrentar a objetiva, sem medo. Por não ter explicado muita coisa, simplesmente o acompanhava clicando. Ele esperava por isso. A cada vez que sentia o clique do botão da câmera, ele se prostrava em outra posição. Após algum tempo, alcançou uma revista que estava a seu lado. Sempre em silêncio, ouvia-se a penas a música, o farfalhar de sua calça e os ruídos do dispositivo fotográfico. Thiago parecia completamente confortável com o que

estava acontecendo. Não precisava de dicas, apenas agia como bem entendesse, reproduzindo movimentos que pareciam os de modelos em editoriais de moda. Thiago se movia com sutileza, parecia que já sabia o tempo que eu levava para, manualmente, combinar foco, diafragma e obturador. Não foram feitas muitas fotos. A cada nova pose, um clique. A cada clique, um novo movimento suave. Thiago, então, rompeu o silêncio e perguntou se poderia utilizar um boné que tinha visto no escritório, a caminho do banheiro. O boné era todo dele. Quando voltou, com o acessório em mãos, sugeriu, em silêncio, que eu o fotografasse enquanto colocava. Depois com ele já na cabeça. Depois em outra posição, com a aba para trás. Em nenhum momento sorriu. Estava sempre sério, muito bem prostrado, com os ombros nivelados, exceto nas fotos em que levou sua mão ao queixo. Deitou-se, cruzou as pernas, folheou a revista. Tudo isso sem encarar a objetiva, tampouco o fotógrafo. Levou tudo muito a sério, não perguntou qual era o objetivo das fotos, sabia apenas que era um ensaio fotográfico para o meu projeto e levou em consideração o meu pedido para sentir-se à vontade. Neste momento, disse a ele, então, que faria a última fotografia. Seria um retrato, apenas um clique. Ele não argumentou, ficou apenas em um estado que parecia de contemplação, ficou pensativo. Disse a ele que faria um retrato que depois revelaria e o mostraria. Se gostasse, poderia tê-lo. Perguntei a ele o que achava de um retrato e o que pra ele era um retrato. Sua resposta veio rápida e veementemente: “Bem, um retrato é diferente de uma fotografia, certo?! Senão você teria falado apenas “foto” em vez de “retrato”. O retrato, pra mim, é um momento. Neste momento algo completamente diferente aconteceu. Thiago relaxou seus músculos, abriu um sorriso, olhou diretamente para a câmera e esperou pelo clique. Suas feições mudaram. Já não eram mais sérias, diferentes de todas as anteriores. Registrei o momento e disse-lhe que depois de revelada, o mostraria. A partir daí, ainda com a música no ar, fui desmontando o equipamento e perguntando-lhe algumas coisas. Thiago nunca foi modelo, nunca nem esteve num ensaio fotográfico anteriormente, no entanto disse que sentiu-se completamente à vontade. Quando perguntei o porquê da escolha do sofá, já que haviam também duas poltronas e uma cadeira, contou que achou a cor do sofá de pallets mais atraente e o formato mais aconchegante. Durante as fotos, notei que todo o seu corpo esperava pela câmera. Nenhuma parte sequer estava esquecida. Os pés, pernas, braços, peito, cabeça, mãos e ombros estavam todos sob o comando de seu cérebro, agindo com expressividade na hora de configurar a pose, por mais que essa fosse construída de forma lenta. O que percebi de Thiago foi alguém familiarizado com a exposição, ciente dos movimentos do seu corpo e tranquilo com relação à câmera. Era como se houvesse somente ele e o dispositivo, o

fotógrafo era apenas o operador dos seus “momentos”. Foi surpreendente fotografá-lo. Durante a maior parte do tempo era somente a música no ar. Não precisei dizer nada a ele e ficava, a cada fotografia, pasmo com sua desenvoltura diante da lente. No entanto, o que mais me impressionou foi a diferença na hora de fazer seu retrato. Foi-se o modelo de catálogos, ficou o modelo Thiago. Ao encarar seu retrato pronto, alguns dias depois, Thiago gostou do resultado, no entanto, ao compará-lo às outras fotografias, disse que estas tinham ficado mais profissionais. Quando perguntei o que o levava a pensar assim, ouvi como resposta que as poses eram “mais de modelo”, que o seu retrato. Disse que se sentiu “à vontade demais” em seu *portrait*. Perguntou se poderia ter as fotografias e declarou que, apesar de ter gostado do retrato, publicaria em sua rede social as demais. Elas seriam garantia de mais *likes*.



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4

**Retrato 1**

*No entanto, o que mais me impressionou foi a diferença na hora de fazer seu retrato. Foi-se o modelo de catálogos, ficou o modelo Thiago.*

13 de fevereiro, sábado – Segundo ensaio

## Modelo número 2 – Luciana Ribas

Luciana foi relutante na hora de aceitar o convite. Perguntou qual o propósito, pediu para que escolhesse outra pessoa, declarou que não se achava nada fotogênica e chegou a dizer que se sentia feia. Quando, finalmente, cedeu aos meus pedidos, fez questão de saber qual a finalidade das fotos. Respondi apenas que era para o projeto final da faculdade, disse que ela poderia trazer para o ensaio o que quisesse, que as fotografias seriam feitas no ritmo dela. Quando Luciana chegou, ainda tinha os cabelos úmidos. trouxe consigo duas bolsas. Uma parecia ser de maquiagem, a outra parecia conter roupas. Perguntou por algum espaço que pudesse se trocar e que houvesse um espelho grande. Ofereci o banheiro e aguardei na sala, agora transformada em estúdio. No momento em que saiu do cômodo, pedi para que ela escolhesse um lugar para eu começar as fotos. Escolheu o sofá de pallets. Assim que sentou-se, elogiou a música que estava tocando. Ainda era Sade. Ela chegou logo após o Thiago e não tive tempo de trocar o álbum. Espontaneamente, começou a falar que a cantora a fazia lembrar de sua adolescência, seu primeiro namorado, suas noites com ele. Já estava com a câmera posicionada e ela continuava a falar. Emendava um assunto no outro, enquanto fazia algo com as mãos ou pés. Evitava olhar diretamente para a câmera. Eu sentia seu desconforto, mas também sentia sua vontade em vencê-lo. Olhou para as revistas e alcançou uma delas. Fingiu que estava lendo. Depois levantou os olhos pra mim e perguntou o que eu queria que ela fizesse. Respondi que gostaria que ela apenas posasse. Foi assim que consegui a primeira foto com seu olhar voltado para a câmera. Foi uma foto com tom divertido, como se fosse uma ironia. No entanto, seu olhar não durou muito. Em seguida fez outra pose, com o rosto inclinado na diagonal, tentando algo como uma expressão de contemplação. As poses variavam seguidamente: algumas sustentando um sorriso, outras tentando feições mais sérias, mas quase todas evitando olhar diretamente para a câmera. Isto demonstrava o desconforto que ela sentia com a situação. Impaciente, pediu para que eu a dirigisse. Foi então que expliquei que faria um retrato dela. Tiraria uma única foto e revelaria para, em seguida, lhe entregar. Novamente, algo incrível aconteceu. Ela ajeitou-se no pallet, colocou seus braços para trás sustentando o peso do seu corpo e se abriu num sorriso, olhando diretamente para a câmera. O pensamento que me ocorreu na hora foi que, até o momento, Luciana tinha em sua mente que aquele ensaio poderia ser como um ensaio de modelos profissionais para algum editorial. Que ela teria que fazer algo representativo ou muito importante, algo que despertasse de alguma forma alguma expressão em mim, como uma validação do que ela

estava fazendo. Como me mantive silencioso, ouvindo muito mais do que falando, ela não sabia o que fazer ou como posar. Suas expectativas eram diversas, por não ter um roteiro ou pelo menos dicas do que fazer. Apesar da oportunidade de estar diante de uma câmera e poder usar sua criatividade, Luciana preferia ser dirigida. No momento em que propus abertamente um retrato, parecia que, finalmente, ela podia se livrar daquele momento de tortura e ficar feliz e relaxada por poder ser ela. Ou, por finalmente, receber instruções, o que claramente Mais confortável e menos tensa do que nos cliques anteriores, Luciana teve o seu retrato feito. Após anunciar o termino da sessão, as perguntas continuaram: quando ela poderia ver a foto, se eu poderia editar algo caso ela quisesse e etc. Respondi a tudo com um sorriso no rosto para tentar deixa-la mais tranquila com respeito ao resultado e perguntei como ela havia se sentido na sessão. Disse que sentiu-se confusa sobre o que fazer na hora e um pouco desconfortável. Declarou que foi de grande ajuda ter atendido ao pedido dela e “dirigido” a última foto. Sobre a escolha do local para sentar-se, disse ter sentido uma atração pela cor vinho do forro do *pallet* e que ali também parecia o lugar mais confortável. Fiquei intrigado com a resposta, a mesma dada pelo primeiro modelo. Me preocupei em posicionar o tripé com a frente da câmera para um lugar neutro, que não sugerisse nada e, apesar das outras duas opções – duas poltronas lado a lado e uma cadeira – os dois tinham escolhida a mesma, pelos mesmos motivos. Quando liberei Luciana, ouvi o que parecia um respiro de alívio. Fotografá-la foi bem diferente, mas o resultado, tão parecido com o de Thiago, foi o mais inusitado. Dias depois mostrei o retrato a ela e ouvi sua opinião. Ela disse que consegue perceber, claramente, que ela estava mais tranquila em seu retrato que nas outras fotografias. Declarou ser do tipo que prefere fotografias tiradas de surpresa ou de forma rápida, em um ambiente que ela já esteja familiarizada. Confessou ser massacrante ter que posar diante de uma câmera em um ambiente onde ela era a personagem principal e não sabia como interagir. Fez um comentário sobre sentir-se presa, limitada, diante da falta de instruções e objetos. Mas seu retrato correspondeu às suas expectativas. Estava com seus brincos favoritos, a pele com a cor de praia e um sorriso mais genuíno, o sorriso que aparecia nos momentos de felicidade. No momento em que recebeu as instruções, sabia o que fazer, como agir, o que projetar de si para perpetuar como imagem. Seu *portrait* conseguia revelar o que ela era: uma pessoa feliz e tranquila.





Foto 5

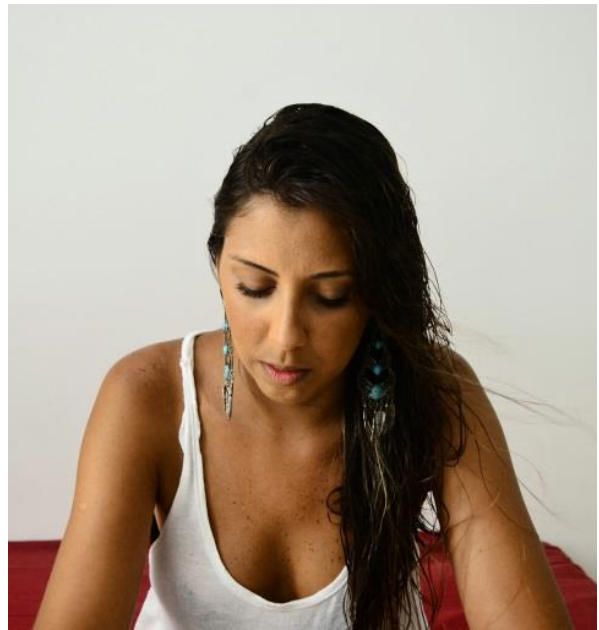


Foto 6



Foto 7



Foto 8

**Retrato 2**

*No momento em que recebeu as instruções, sabia o que fazer, como agir, o que projetar de si para perpetuar como imagem. Seu portrait conseguia revelar o que ela era: uma pessoa feliz e tranquila.*

20 de fevereiro, sábado – Terceiro ensaio

Modelo número 3 – Juliana Carvalho

O ensaio fotográfico de Juliana foi o mais cedo de todos: 7 horas da manhã, no entanto, foi o mais enérgico, com mais acessórios em cena, mudanças de espaço físico e de enquadramentos até então. Juliana é minha amiga há 12 anos. Aceitou a proposta na hora, mesmo sabendo pouco sobre o projeto, mas assim que chegou em minha casa - com uma grande mochila nas costas - disparou a perguntar tudo o que fosse possível. Após ter explicado a ela que se tratava de um ensaio fotográfico com foco em retrato e que ela poderia se vestir e utilizar o que quisesse, pensei que as perguntas fossem cessar, mas ao sentar-se diante da câmera, ela pediu que a dirigisse e perguntou se haveria problema nisso. Respondi, logo em seguida, que ela poderia fazer o que desejasse, ressaltando, mais uma vez, que eu era apenas um instrumento. Mas não funcionou bem. Falei, então, que faria os testes de luz, foco e enquadramento, com o intuito de deixá-la mais à vontade e instiga-la a posar. Não demorou muito e Juliana já estava mais solta, fazia diferentes poses diante da câmera - a maioria divertida - enquanto eu fazia os testes técnicos. No momento em que avisei que já estava pronto para começar, a mesma pergunta foi feita e percebi, então, que deveria dirigi-la. Quando pensei este projeto, havia optado por não interferir no ensaio de nenhum modelo, mas sabia que esse momento poderia chegar e eu não poderia continuar com minha decisão. Para que o ensaio fluísse, eu decidi fazer algumas brincadeiras com a modelo, assumindo, naquele momento, a direção. Pedi para que ela demonstrasse, apenas com o olhar, sentimentos como vergonha, raiva, amor, ternura, tédio e compaixão. Em seguida, já não era eu quem dava as sugestões. Juliana começou a interagir com objetos e acessórios que estavam espalhados pela casa. Alguns deles foram realmente inusitados, como uma bandeira do Brasil que guardo no quarto e uma maçã que ela tirou da própria mochila. Se interessou pela janela, quis fazer fotos com a cortina transparente, em posições diferentes, com asas de anjo, com um violão. A princípio posou tocando o violão, em seguida simulou sua destruição, vestida com as Asas de anjo. Decidiu trocar de roupa, colocar novos acessórios, arrumar o cabelo. Sugeri fotografias diferentes das que eu havia feito nos outros ensaios e o que pude perceber de Juliana foi além do que ela estava mostrando. Através de suas poses, escolhas, interação, acessórios e sugestões, percebi alguém criativo, ousado, irônico, que pensa de forma diferente e gosta de inovar. Juliana é minha amiga há 12 anos e neste ensaio pude perceber mais dela do que em tantos outros momentos que tivemos juntos. Essa intimidade e proximidade me fez conhecer Juliana sob outra perspectiva e perceber o poder de criação contido no retrato. As fotografias

revelavam uma amiga menos contida e mais segura de seus movimentos, com controle sobre suas vontades e grande poder de expressão. Acredito que este contato diante da câmera tenha sido fundamental para essa percepção, confirmada por ela quando sentamos para conversar após a última fotografia, o retrato que eu ampliaria e entregaria a ela. Ao declarar, nos ensaios até aqui, que faria a última foto, um *portrait*, as pessoas se comportavam da mesma forma: sorriam, relaxavam os músculos, pareciam se desfazer da personagem que podiam estar interpretando para dar vazão ao seu eu, a forma como eles gostariam de ser ver e de ser vistos no papel impresso. Mas Juliana colocou as asas, fechou seus lábios em um beijo para a câmera e, assim, perpetuou aquela imagem num retrato. Quando perguntei a ela o porquê da escolha, disse-me que se via como alguém divertido e criativo e queria que o seu retrato fosse este. Para um primeiro ensaio fotográfico, Juliana sentiu-se extremamente bem. Não precisava de sua declaração, pois pude perceber por sua empolgação e interação e pelo fato dela não ligar mais para o tempo, mesmo tendo que comparecer à pós-graduação a seguir à sessão. Um fato curioso sobre este retrato foi que, antes da última fotografia, tivemos uma pequena conversa onde ela declarou considerar o retrato algo solene. Em suas palavras, um *portrait* seria “o retrato da presidente, no planalto”, “uma coisa pomposa”. A princípio, era esse o seu entendimento, mas ela própria, em seu retrato, decidiu não ser solene ou séria. Pelo contrário, fez uma pose divertida. Ao vê-lo, ficou muito satisfeita com o resultado: “Essa sou eu.”



Foto 9



Foto 10



Foto 11



Foto 12



## Retrato 3



*Em suas palavras, um portrait seria “o retrato da presidente, no planalto, por exemplo”; “uma coisa pomposa”. A princípio, era esse o seu entendimento, mas ela própria, em seu retrato, decidiu não ser solene ou séria. Pelo contrário, fez uma pose divertida. Ao vê-lo, ficou muito satisfeita com o resultado: “Essa sou eu.”*

## 20 de fevereiro, sábado – Quarto ensaio

### Modelo número 4 – Andrei Lamberg

O mais extenso de todos os ensaios, foi também o que mais teve mudanças de figurino e fotos registradas: 300 no total. Uma possível explicação para o número expressivo de fotografias seja a profissão de Andrei: cantor e apresentador de TV. Ele está mais acostumado com a câmera e sente-se à vontade diante dela, como disse o próprio, mas, ainda assim, nunca havia feito um ensaio fotográfico em estúdio e foi interessante fotografar alguém acostumado a estar em foco, mas num ambiente completamente novo para ele. Ao chegar, no horário marcado, um dos seus primeiros pedidos foi para que eu o dirigisse no início, pois isso o ajudaria a se acostumar e sentir-se à vontade. Disse que o faria, mas também deixei claro que ele era o protagonista daquele momento e podia agir à sua maneira. Mostrou sua bolsa contendo algumas camisetas com textos e outras sem nada, mas todas da cor preta ou branca. Perguntou poucas coisas, inclusive se havia alguma limitação e, quando respondi que não, começou a se preparar para o ensaio. Foi ao banheiro, maquiou-se, ajeitou o cabelo, demorou-se um pouco na frente do espelho e quando estava pronto, iniciamos. Dirigi-o da mesma forma que fiz com Juliana, mas dessa vez pedi a ele que interpretasse um sentimento com seus olhos e outro diferente com o resto do rosto, simultaneamente. Andrei também é ator e achou o exercício divertido. Em poucas fotos, já não era mais eu quem dirigia. Percebi a mudança quando suas poses passaram a ficar mais demoradas e os únicos sons que se ouviam eram das músicas que ele próprio escolheu, tiradas de uma *playlist* em seu celular. Enquanto com Juliana não havia nenhuma música, com Andrei eu ouvia faixas inteiras no último volume do aparelho de som. Andrei gostava de posar. Gostava de encenar. Interpretava as músicas com poses que faziam referência às suas letras. Não parecia que ele estava se importando para os resultados das fotografias, ele simplesmente gostava de estar lá. Conforme variava as poses e vestimentas, dava vazão às suas diferentes facetas. A cada nova camiseta, novas poses, novas interpretações do ambiente e novos ângulos. Passou a interagir com objetos da casa. Colocou uma toalha que estava no banheiro em sua cabeça e fez uma escova de microfone. Molhou os cabelos e quis posar como se estivesse a secá-los. Empilhou uma grande quantidade de bonés e achou graça. Andrei explorou diversos músculos de seu rosto. Fez uso dos cabelos, mãos, pés, ombros, cintura de formas variadas, demonstrando ser confortável com seu corpo. Pude conhecer, através da objetiva, diversos personagens: o humorista, o *bad boy*, o cantor, o performista, a diva pop, o apresentador de TV, o modelo de comerciais televisivos, o atleta... Mas, o mais importante, foi ter conhecido variados “Andrei” enquanto pessoa: o comico, o

seguro, o confiante, o apaixonado, o irônico, o despreocupado, o atencioso. Considero impossível evidenciar todas as características de uma pessoa em um único retrato. Enquanto modelo, Andrei também era filho, irmão, estudante, ator, dentre diversos papéis que exerce e que o formam como indivíduo. No entanto, durante o ensaio, no espaço de tempo em que aquele corpo posou e interpretou alguns personagens, Andrei expôs, mesmo que não tenha percebido, traços de sua identidade.

Ao contemplar suas fotos, ele apontava as que, em sua opinião, não tinham ficado boas e comemorava as que considerava ótimas, porém, não foi crítico consigo mesmo em momento algum. Ficou excitado com o conjunto total, passava uma a uma e contemplava suas imagens com brilho no olhar. Mesmo diante das que declarava não ter gostado, seu humor não era afetado e seu rosto transmitia tranquilidade. Eram apenas algumas fotos dentre muitas, mas aquela tela mostrava sua tão querida imagem e por isso Andrei as recebia com carinho.

No momento do retrato, quando expliquei que faria uma única foto e dei as mesmas instruções dos outros ensaios, o modelo sentou-se e, sem me perguntar como deveria agir, sorriu. O *portrait* foi feito. Ao visualizá-lo, mostrou interesse e, após um tempo contemplando, pediu para rever as fotos feitas anteriormente. Pareceu-me que Andrei havia se reconhecido naquele retrato, mas foi difícil fazer tal afirmação sobre uma pessoa que sentia-se segura para ser o que quisesse e era apaixonado por sua imagem, seja qual fosse ela.





Foto 13



Foto 14



Foto 15



Foto 16

**Retrato 4**

*Pareceu-me que Andrei havia se reconhecido naquele retrato, mas foi difícil fazer tal afirmação sobre uma pessoa que sentia-se segura para ser o que quisesse e era apaixonado por sua imagem, seja qual fosse ela.*

20 de fevereiro, sábado – Quinto ensaio

## Modelo número 5 – Thiago Wallier

Quando chamei as pessoas para participar do projeto, falei da mesma maneira com todos, sem exceção. Observar, então, como cada um interpretou o convite, foi bastante interessante. Enquanto a maioria das pessoas decidiu arrumar-se no estúdio, Thiago já chegou pronto. Trouxe consigo somente uma carteira e seu telefone celular. Estava com roupas passadas e cheirosas, com o cabelo penteado e o corpo perfumado. Estava formal. Ressalto todas essas características porque pareceu-me, ao vê-lo tímido e preocupado com o que aconteceria, que ele havia se preparado da melhor maneira possível para as fotografias que estavam por vir. Ainda assim, quando posicionou-se diante da câmera, disse que o equipamento era demasiado grande, opressor. Pedi para que se pusesse à vontade e posasse. As primeiras poses estavam repletas de tensão, provavelmente por ainda não saber como agir. Seu olhar em alguns momentos aparentava dúvida, insegurança, mas com o tempo, sentiu-se mais livre e passou a encarar a objetiva com atitude, como se ela representasse um desafio que deveria ser transposto. Se preocupou com o sorriso, o que fazer com suas sobrancelhas, preocupou-se com seus ângulos, questionou através de suaves gestos o volume do cabelo. Thiago não trocou de figurino, não interagiu com elementos presentes no ambiente, não fez questão de variar as poses, mas seu olhar ganhou expressão. A cada nova foto, mais confortável ele se sentia. A cada sutil mudança nas poses, mais confiante se tornava. Após algum tempo, perguntou se eu gostaria de algo específico. Quando falei sobre o retrato fotográfico, com a mesma explicação que havia dado aos outros, Thiago olhou com firmeza para a lente da Nikon como se estivesse olhando para si mesmo no espelho e então fez sua última foto. Ao fim do ensaio, mostrei-lhe suas fotografias. Ele foi criterioso com elas. Aproximou e ampliou diversas imagens. Criticou em voz alta algumas delas, gostou de outras, revirou os olhos diante das que considerava terríveis, mas não houve críticas com respeito ao seu retrato. Contemplou durante algum tempo, aproximou para visualizá-lo melhor e, por fim, declarou que gostou. Nem mesmo a falta de foco o incomodou. Quando perguntei o motivo da satisfação, ele disse que gostava de parecer uma pessoa séria, porque, de fato, se considera sério apesar das constantes brincadeiras. Seu retrato correspondeu às suas expectativas. Estava bem representado naquela imagem.



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20

**Retrato 5**

*Quando perguntei o motivo da satisfação, ele disse que gostava de parecer uma pessoa séria, porque, de fato, se considera sério apesar das constantes brincadeiras. Seu retrato correspondeu às suas expectativas. Estava bem representado naquela imagem.*



21 de fevereiro, Domingo – Sexto ensaio

## Modelo número 6 – Marcella Cini

Marcella chegou calma, com um aspecto tranquilo. Segurava uma bolsa contendo roupas, maquiagens e alguns acessórios. Deu um grande sorriso e entrou no estúdio. Conversou um pouco, bebeu água, perguntou vagamente como andava o projeto tentando, creio eu, não ser invasiva. Marcella sabia sobre o trabalho tanto quanto os outros modelos e sabia também que eu não conversava muito sobre o objetivo, apenas queria que as pessoas posassem. Ficou em dúvida entre usar maquiagem ou não. Pediu minha opinião mais de uma vez. Perguntei, então, como ela acreditava que ficaria melhor, como ela gostaria de se mostrar. Optou pela maquiagem. Apesar das roupas e acessórios que trouxe, decidiu permanecer com o vestuário que já utilizava. Sentou-se no sofá feito com pallets, que costumo chamar de *futton*, posicionou-se junto à parede e permaneceu quieta, olhando para a lente da câmera. Manteve-se assim por algum tempo enquanto eu clicava. Não variou a pose, continuou encarando a câmera. Momentos depois, mudou. Não expliquei nada além do que já tinha dito anteriormente e creio que isso tenha dificultado o desenvolvimento do ensaio. Marcella parecia tímida e ao mesmo tempo confusa sobre como agir. Me ofereci para colocar uma música. Sua reação pareceu indiferente, portanto perguntei novamente e ela aceitou. Pus a tocar uma música lenta, *rock* quase totalmente instrumental. Ela passou a variar suas poses. Enquanto eu a fotografava, não conseguia desviar o foco de seus olhos. O foco do meu olhar, consequentemente o foco do equipamento. Marcella olhava sem medo para a câmera, parecia transpor a objetiva, adentrar minha alma. Sentia-me hipnotizado por seu olhar. Passou a sorrir timidamente, a movimentar um pouco mais os braços, a fazer novas poses ainda que discretamente. Passei a ajudá-la, da mesma forma que fiz com outros modelos. Pedi para que demonstrasse afeto, raiva, carinho, amor, saudades e outros sentimentos somente com o olhar. Era difícil, como ela mesmo disse. Era estranho tentar representar algo que no momento ela não sentia. Mencionei a lembrança, numa tentativa de que ela recordasse um momento em que realmente sentiu amor, por exemplo, para tentar recriar aquele olhar. Em poucas poses este intuito se perdeu. Vi ali, novamente, dois firmes olhos contemplando a lente. Disse em seguida que eu iria fazer-lhe um retrato. Sua reação foi de surpresa, com expressões que representavam dúvida, tentando entender qual a diferença de um retrato para o restante das fotos. Expliquei que aquela seria a única foto que gostaria de oferecer a ela para que pudesse guardar, colocar num porta-retratos na sala, divulgar em suas redes sociais ou para qualquer outro uso que ela julgasse pertinente. Marcella mudou. Decidiu sorrir. Sorriu muito, na

verdade. Sua pose tentava naturalizar a espontaneidade e eu acreditei no que vi, na felicidade que aquele sorriso queria demonstrar. O retrato foi feito. Marcella não quis olhar suas fotografias, mas fiz questão que visse o retrato. Ele era realmente diferente das outras fotos. Quando tentei averiguar o motivo da mudança tão intensa, ouvi como resposta que ela nunca sorria, que era muito difícil verem seu sorriso e naquele momento ela havia decidido mostrá-lo, para ser diferente, para sentir que podia, de fato, sorrir. Marcella sorriu. Preencheu aquela imagem com uma felicidade convincente aos meus olhos. Ainda agora, quando olho sua foto, sinto-me invadido por ser sorriso. Foi intenso. Começamos a nos despedir e eu passei a reposicionar o tripé que sustentava a câmera, mas algo inusitado ocorreu. Marcella perguntou se podia fazer outro retrato, somente um. Disse que não haveria problema e prontamente retomei a câmera. Ela se posicionou e eu também. Marcella puxou sua blusa para baixo revelando um pouco do seu colo, prendeu a língua entre os dentes e invadiu minha objetiva com seus olhos. Cliquei. Antes mesmo que eu fizesse qualquer pergunta, ouvi sua resposta: eu queria parecer uma puta. Há mais partes de mim que não mostro e precisava fazer isso.



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Foto 24



**Retrato 6**

*Ouvi como resposta que ela nunca sorria, que era muito difícil verem seu sorriso e naquele momento ela havia decidido mostrá-lo, para ser diferente, para sentir que de fato, podia sorrir. Marcella sorriu. Preencheu aquela imagem com uma felicidade convincente aos meus olhos.*

**Retrato 7**

*Marcella puxou sua blusa para baixo revelando um pouco do seu colo, prendeu a língua entre os dentes e invadiu minha objetiva com seus olhos. Cliquei. Antes mesmo que eu fizesse qualquer pergunta, ouvi sua resposta: eu queria parecer uma puta. Há mais partes de mim que não mostro e precisava fazer isso.*

21 de fevereiro, Domingo – Sétimo ensaio

## Modelo número 7 – Fernanda Toledo

A sétima modelo chegou na parte da tarde de domingo. Chegou decidida. Começou a maquiar-se no trajeto para o estúdio e iria terminar o retoque facial tão logo recuperasse o fôlego, e foi o que fez minutos depois de ter descansado rapidamente. Fernanda trouxe consigo pulseiras, brincos, colares, muitas maquiagens e roupas - pelo menos uns quatro figurinos diferentes. Não demorou muito a se arrumar e, ao declarar-se pronta, perguntou “o que devo fazer?”, e eu prontamente respondi “posar.”. E ela posou. A princípio de uma forma mais tímida, mas 5 ou 6 poses depois já não havia nenhum traço de timidez. Ela explorava poses, olhava para a câmera de diferentes maneiras, demonstrava segurança ao posar e gosto por ser modelo. Apesar da boa desenvoltura, aquele ensaio parecia para ela um aprendizado. Mesmo confiante, era atenta aos seus movimentos. Tentava diferentes poses, mas sempre com um tom de experimentação antes de cada uma delas, demonstrado pelo olhar que lançava a mim, insinuando um pedido de aprovação. O tempo passou, as roupas mudaram e ela não só mais explorava seu corpo, como interagiu com o espaço. Deitou-se no *futton*, sugeriu mudanças na cor do forro para destacar um pouco mais suas roupas e sua pele. Entre um figurino e outro, penteava os cabelos, retocava a maquiagem, trocava os acessórios. Por vezes sorria, mas a maioria das poses mostrava uma mulher mais séria, com comportamento sensual e desenvoltura provocante sem tornar-se extravagante. Foi seu primeiro ensaio fotográfico e uma grande descoberta: ela realmente gostava de fotografar. Percebia-se facilmente sua entrega. Ofereci poucas sugestões - quase nenhuma, na verdade - mas ela pediu para que eu sempre ficasse atento à qualquer possível falha: cinto fora do lugar, cabelos emaranhados, brilho demasiado no rosto. No entanto, não parecia ser exigente comigo, o fotógrafo, e sim com consigo mesma. Mais de uma vez me encantei com suas fotografias. Logo após disparar a câmera, conferia rapidamente o visor e gostava do que via. Mas esta pessoa confortável que aparecia na tela era extremamente criteriosa com ela própria. Fernanda era última modelo do dia e o horário em que fotografamos dificultou a entrada de luz pela janela, pois já estava escurecendo. Foi, com certeza, o ensaio mais difícil, pois precisava sempre ficar atento às variações de luz que aconteciam rapidamente nesta parte do dia. Compensei com as luzes artificiais internas e com mecanismos da câmera. Mudava as luzes de posição de acordo com os ângulos e enquadramentos que eu fazia. Eu estava lidando com uma modelo exigente, então fazia questão de tentar retratar seu corpo à altura das suas expectativas, que pareciam altas. Este ensaio, para mim, representou um desafio, mas fiz o possível para garantir uma

boa iluminação a todo tempo, principalmente para o seu retrato. Fiz o seu *portrait*. Esteticamente, gostei muito do resultado. Boa iluminação, bom enquadramento e, principalmente, senti que havia captado o que ela desejava mostrar: a sensualidade de uma pessoa madura de forma sutil. Durante o ensaio conversamos um pouco e ficou claro que esta era a sua intenção. Fernanda achou que seu retrato mostrava este lado de sua personalidade, no entanto, foi crítica com suas formas físicas. Apesar da pose ter correspondido suas intenções, ele deixou de ser perfeito quando revelou alguns defeitos. Ainda assim, considerou-o a melhor fotografia. De todas as fotos que fizemos, gostei da maioria. Já ela, ao rever, pediu para apagar muitas. Não gostava de passar por uma foto em que não se considerasse bonita. Parecia causar dor, como se fosse insuportável olhar por muito tempo. Algumas ela queria deletar a qualquer custo. Como eu pedia para não fazê-lo, respeitava, ressaltando que era somente por respeito ao meu projeto. Fernanda sentia-se profundamente incomodada quando via que uma foto não estava de acordo com a maneira que ela havia intencionado no momento fotográfico. Mesmo quando eu dizia que suas fotos eram lindas, ela sempre conseguia explicar porque as achava defeituosas. Estes “defeitos” sempre estavam relacionados a aspectos físicos. Mais de uma vez, reclamou das bochechas, do nariz, do cabelo, das pernas. Não reclamava da pose, mas quando percebia algo que não gostava, julgava que deveria ter feito outra e não aquela. Quando era mais novo ouvi que anorexia e bulimia eram considerados distúrbios de imagem na psicologia. Nunca pesquisei de forma densa o que ouvira, mas lembro que estava ligado ao fato de uma pessoa não conseguir se enxergar da forma que realmente era. Ela se via de um jeito diferente quando se olhava no espelho, sempre aquém da realidade. Não digo aqui que ela tenha algo parecido nem ousar afirmar que possa ser qualquer tipo de distúrbio, percebi somente que ela oferecia o melhor de si para a câmera e não gostava quando sua imagem não correspondia suas expectativas. Fernanda foi a primeira pessoa a quem entreguei as fotos, na semana seguinte ao ensaio. De todas elas, a que mais gostou foi o seu retrato. Ela se identificou. Foi também a menos criticada dentre as que eu tinha apontado como minhas preferidas, mas, ainda assim, não passou sem críticas. Seu *portrait*, onde ela sentiu-se representada, foi publicado em sua principal rede social pouco tempo depois. Não sem antes passar por um corte, um redimensionamento e também pela aplicação de filtros disponíveis em programas digitais.





Foto 25



Foto 26



Foto 27



Foto 28

**Retrato 8**

*Entre um figurino e outro, penteava os cabelos, retocava a maquiagem, trocava os acessórios. Por vezes sorria, mas a maioria das poses mostrava uma mulher mais séria, com desenvoltura sensual e provocante sem tornar-se extravagante. Foi seu primeiro ensaio fotográfico e uma grande descoberta: ela realmente gostava de fotografar.*

25 de fevereiro, quinta-feira – Oitavo ensaio

## Modelo número 8 – Thiago Ruiz

A primeira pergunta de Thiago foi “Eu posso fazer o que eu quiser?” Respondi positivamente. Revelou que gostaria de algo que soasse confuso, como uma bagunça em sua mente. Gostaria que parecesse com as manhãs sem sol em que ele acordava sem saber o que fazer. Achei curioso. Thiago sabia o que queria, só não sabia como realizá-lo. Perguntei quais eram os pensamentos que costumavam lhe ocorrer nesses dias específicos. Se sentia-se mal disposto, triste, irritado... Aconselhei-o a pensar e tentar posar como se estivesse neste momento específico que queria representar. Thiago vestiu-se como costumava dormir e posicionou-se. Comecei a fotografá-lo. Esta ideia estava fixa em sua cabeça, parecia uma meta que precisava alcançar. Passou a ser uma necessidade conseguir demonstrar como se sentia. O ensaio focou-se todo nesta “confusão mental em uma manhã cinzenta como pano de fundo”. Corri para buscar alguns travesseiros e almofadas no quarto para compôr o cenário. Ele variava as poses, eu modificava os enquadramentos, a posição e altura do tripê. Para acompanhá-lo, tentava fotografá-lo de outros ângulos. Algum tempo depois ele disse que já estava satisfeito. Terminamos as fotografias. Agora pedia para ver as fotos, Queria conferir se havia alcançado seu objetivo principal. Gostou quando viu. Não o senti reparar em nada além de suas poses e do cenário criado para corroborar com sua intenção. Fez poucos comentários, demonstrou-se satisfeito. Ao perguntar se a sessão estava terminada, pedi-lhe para posar para um retrato. Não havia mais bagunça nem confusão. Thiago pediu para fazer sua foto enquanto se mantinha de pé, perguntou se poderia continuar com a parede branca ao fundo e se poderia sorrir. Fiz o seu retrato e perguntei-lhe sutilmente o que ele achava que um retrato poderia representar. “Uma foto 3x4, ué!”. Sorri gentilmente diante da resposta e mostrei a ele. “Gostei, só acho que eu poderia ter sorrido um pouco mais”. Lembrei que a maioria dos retratos 3x4 que vi em minha vida, não continham sorrisos. Colecionei esta modalidade de fotografia durante alguns anos enquanto estava no colégio, pedia fotos a vários amigos, mas não lembro de nenhum sorrindo. Todos sempre muito sérios, pois era uma foto para documento. Contei isso ao Thiago e ele fez questão que eu realmente oferecesse a foto quando estivesse pronta. Ia ser o primeiro 3x4 dele com um sorriso. E sem camisa.



Foto 29



Foto 30



Foto 31



Foto 32



**Retrato 9**

*Fiz o seu retrato e perguntei-lhe sutilmente o que ele achava que um retrato poderia representar. “Uma foto 3x4, ué!”. Sorri gentilmente diante da resposta e mostrei a ele. “Gostei, só acho que eu poderia ter sorrido um pouco mais”.*

## 4. PÓS-PRODUÇÃO

### 4.1 Seleção e tratamento do material

Apesar da grande quantidade de fotos, não tive muito trabalho na hora de escolher as que fariam parte do projeto. As impressões em maior formato seriam dos retratos que, em quase todos os ensaios, fiz em apenas um clique – salvo os casos em que não consegui a luminosidade correta, pois gostaria que todos retratos seguissem um padrão de iluminação.

Selecionar as demais imagens que comporiam este relatório demandou um pouco mais de tempo, porém, as escolhas não foram difíceis. Quis expor aqui fotografias que ilustrassem o texto e, portanto, servissem de apoio às percepções descritas. Optei por não editar nenhuma delas, exceto pelo corte das margens para melhorar o enquadramento no relatório. Esta decisão decorria também da curiosidade em saber como os modelos reagiriam ao se deparar com as fotos tais quais foram feitas, sob a iluminação do momento, apenas, e não com as costumeiras intervenções digitais que, por vezes, são utilizadas.

Defini que 4 fotografias tiradas do ensaio seriam suficientes para destacar algumas características abordadas e os retratos, em sua maioria, uma única foto apenas de cada modelo (à exceção da modelo número 6) seriam os principais componentes do trabalho e os únicos que seriam impressos e ampliados.

### 4.2 Ampliação

Os retratos fotográficos foram ampliados em tamanho aproximado 20x25cm e dispostos em forma de álbum para a apresentação. O papel escolhido para sua impressão foi o fotográfico com bordas brancas que, além de servir de adorno, destacavam as cores das fotos. Optei por fotografar e imprimir em cores, pois a fotografia em preto e branco, na minha concepção, poderia vir a ser interpretada como recurso estético, por não se tratar da reprodução fiel ou mesmo aproximada das cores que enxergamos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da fase de concepção deste trabalho minha intenção era experimentar o momento fotográfico para apurar questões relacionadas à manipulação da imagem através de filtros e programas virtuais de edição, visando à publicação, principalmente, nas redes sociais. Esta seria uma tentativa de compreensão prática de questões que circundam minha vida. Minha própria preocupação, por exemplo, com a minha fisionomia; o desejo de sempre parecer melhor e mais bonito na fotografia, o que também observei entre meus amigos e conhecidos. No entanto, com o decorrer do tempo, percebi que o que mais me interessava não era explorar a relação entre imagem, edição e exposição, mas, sim, a forma como as pessoas se concebiam, não só no momento de publicações virtuais, mas na vida real, cotidiana.

Através de algumas conversas com minha orientadora e pesquisas bibliográficas, cheguei ao retrato - que aqui chamei de *portrait* - e a história desta modalidade da fotografia, de onde surgiam questões sobre identidade, comportamento e pertencimento social, despertou meu interesse e fez com que este trabalho tomasse os rumos que me trouxeram até aqui.

O advento do retrato fotográfico no Séc. XIX, considerado um registro fiel do real, passou a despertar problemáticas relacionadas à autoimagem, pois as pessoas passavam de apenas modelos, como nos retratos pictóricos, a também criadoras dos seus próprios *portraits*, justamente por estarem diante de um dispositivo que as registravam “tal e qual” eram. Muitos fotografados, portanto, achavam que suas imagens não correspondiam ao que pensavam de si mesmos e isto levantava questões sobre a percepção de si.

Este experimento, portanto, foi fundamental para eu perceber, através da pose e da relação de intimidade e cumplicidade – ou ausência destas – entre fotógrafo e modelo no momento fotográfico, as questões sobre autoimagem que permanecem ainda hoje e, talvez, ainda mais intensas por conta da superexposição da era digital.

Quando cheguei à fase prática, me sentia cada vez mais imerso no assunto. A cada ensaio, observava ainda mais as pessoas transformadas em modelo naquele estúdio. Era uma observação mais delicada que o normal, que prestava atenção a tudo que ocorria, tentando não deixar passar despercebido nenhum detalhe. Ficava atento à respiração dos modelos, à forma como trocavam de posição e encenavam a pose. Atento aos seus olhares, seus movimentos, suas formas.

A partir desta observação e vivência me tornei mais sensível à percepção das características comportamentais humanas. Este momento tão único me revelava quem era

seguro com respeito à própria imagem e quem não era. Quem era crítico demais ou apenas não se importava. Os que se enxergavam de determinada forma, mas viam no *portrait* a possibilidade de criação de uma nova personalidade, mesmo que momentânea, como se dessem vazão a um *alter ego*. Os que sentiam-se à vontade com seu corpo e os que já não gostavam de suas formas físicas tanto assim. Os que consideravam seu corpo o principal objeto de interação e os que procuravam algo externo para se caracterizar ou, simplesmente, se agarrar, numa tentativa de conseguir um apoio diante da câmera opressora. Os que conseguiam ver possibilidades de criação e encenação em um ambiente pobre de artefatos. Percebi, com este experimento, pessoas que se reconheciam em seu retrato e pessoas que se desapontavam com sua imagem. Reconheci em muitos momentos felicidade na autopercepção, mas também percebi indiferença e frustração.

Acima de tudo, vivenciei o poder do retrato e a atmosfera única, intimista, que a fotografia em estúdio pode proporcionar. Experimentei na prática o valor biográfico do *portrait*, registro do real que visa à semelhança e ao mesmo tempo seu poder de imagem autônoma, capaz de criar novas personalidades. Foi também um período repleto de tensões para mim. Fui crítico comigo mesmo quanto a técnica, quis ser um fotógrafo sensível, capaz de enxergar além do que se vê. Tentei não me emocionar a ponto de ter meus sentimentos expostos, com medo de comprometer a *performance* do modelo, mas ficar a sós com uma pessoa e observá-la por tanto tempo através de uma objetiva é algo realmente intenso. Observei e vivencia muito do que já esperava. O *portrait*, portanto, neste projeto, despertou em mim profunda fascinação.

## BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: **Obras Escolhidas**, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BASTOS, Maria Teresa Ferreira. **Uma investigação na intimidade do portrait fotográfico**. Tese de doutorado. Depto de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FABRIS, Annateresa. A pose pausada. In: **Fotografia e arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

REIS, Osmar e MORAIS, Isabelle. **A Encenação no Retrato Fotográfico: do “istoexistiu” ao “isto foi encenado”**. Trabalho apresentado na COMPÓS 2014. Belém: Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, 2014

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Lista de Equipamentos

- Câmera Digital Nikon 5100;
- Objetiva Nikon 18 – 55mm f/3.5;
- Tripé
- Rebatedor de isopor 1x1m
- Luminária com lâmpada incandescente
- Luminária com lâmpada fluorescente
- Cortina transparente utilizada como rebatedor

## APÊNDICE B – Ficha Técnica

### *Título do ensaio*

Reflexões sobre autoimagem e percepção de si através da experiência com o retrato fotográfico

### *Fotografia e tratamento*

Tiago Padilha

### *Produção*

Tiago Padilha

### *Fotografados*

Thiago Ramos

Luciana Ribas

Juliana Costa de Carvalho

Andrei Lamberg

Thiago Coutinho Wallier

Marcella Cini

Fernanda Toledo

Thiago Ruiz

## APÊNCICE C – Orçamento

Orçamento	
Descrição	Valor
Alimentação modelos	R\$152,00
Ampliação das fotografias	R\$44,10
Álbum	RS49,90
Deslocamentos	R\$40,00
<b>Total</b>	<b>R\$286,00</b>



## APÊNDICE D – CRONOGRAMA

	Tarefas	Meses
Pré-Produção	Conversas com orientadora	Março/2015 a Março/2016
	Aulas na Pós-Graduação como ouvinte	Outubro/2015 a Fevereiro/2016
	Pesquisa Bibliográfica	Dezembro/2015 a Fevereiro/2016
	Discussões sobre o projeto	Dezembro/2015 a Fevereiro/2016
Produção	Ensaaios Fotográficos	Fevereiro de 2016
	Relatos sobre os ensaios	
Pós-Produção	Elaboração do relatório	Fevereiro e Março 2016
	Revisão com orientadora	Março de 2016
	Ampliação das Imagens	
	Montagem do álbum	
Finalização	Conclusão TCC	Março de 2016
	Entrega TCC	
	Defesa TCC	

## APÊNDICE E – Autorização de Imagem

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, Thiago da Silva Ramos  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha, portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Thiago da S. Ramos

Nome: Thiago da Silva Ramos

Endereço: Rua Maranhão, 442, Méier CEP 20.720-230

Telefone: 39715911

CPF: 117 052 467 29

RG: 130694417

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, Luciana Justiniano Ribas  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha,  
portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado  
AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo  
AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será  
veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha  
imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em  
sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em  
conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):



Nome: Luciana Justiniano Ribas

Endereço: Rua oito de dezembro, 414/202

Telefone: (21) 98182-3122

CPF: 124.680.557-05

RG: 20.984.989-02.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, Juliana Costa de Carvalho  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha,  
portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado  
AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo  
AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será  
veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha  
imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em  
sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em  
conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Juliana Costa de Carvalho.

Nome: Juliana Costa de Carvalho

Endereço: Rua do Trabalho nº 330 apt 102

Telefone: (21) 99177 4205

CPF: 135 103 917 - 21

RG: 20 05 293 52



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, Andrei Lamborg Fonseca  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha,  
portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado  
AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo  
AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será  
veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha  
imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em  
sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em  
conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 20 de FEVEREIRO de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Andrei Lamborg Fonseca

Nome: Andrei Lamborg Fonseca

Endereço: Rua General Ribério da Costa, 38/102 - Leme - Rio de Janeiro

Telefone: 21 98788 8343

CPF: 143170157-22

RG: 20251149-9

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, Thiago Coutinho Wallier  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha, portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Thiago Coutinho Wallier

Nome: Thiago Coutinho Wallier

Endereço: R. José Régio, n° 58/apto. 305 - Tijuca

Telefone: 98653-7559

CPF: 116.492.567-95

RG: 21.093.469-1

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, MARCELLA GINI OLIVEIRA  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha,  
portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado  
AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo  
AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será  
veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha  
imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em  
sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em  
conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Marcella Gini Oliveira

Nome: MARCELLA GINI OLIVEIRA

Endereço: R. DR. CRESPO, 12, CASA 30

Telefone: (21) 98050-6620

CPF: 122.235.167-69

RG: 20.303.791-6



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, fernanda toledo de santana  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha, portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):

Fernanda Toledo de Santana

Nome: Fernanda Toledo de Santana

Endereço: Rua Adolfo Bugamini, 153, apto 405

Telefone: 21 99842-3991

CPF: 120.620.977-19

RG: 22.185.050-6

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, THIAGO RUIZ LOPES  
abaixo subscrito(a) e identificado(a), autorizo Robson Tiago de Santana Padilha,  
portador do RG 21.650.124-7 Detran-RJ e CPF 127.793.177-10, doravante determinado  
AUTORIZADO, a utilizar sem qualquer custo minha imagem, captada pelo  
AUTORIZADO por meio fotográfico. A imagem objeto da presente autorização será  
veiculada, primariamente, no material desenvolvido como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo, apresentado à Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A presente autorização se estende ao uso de minha  
imagem em eventuais publicações impressas produzidas pela sobredita universidade, em  
sites de internet, em exposições ou em outras formas de veiculação, desde que em  
conformidade com o disposto no inciso X do artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) Autorizador(a):



Nome: Thiago Ruiz Lopes  
Endereço: Rua Brás de Lacerda, 419, apt. 704  
Telefone: (21) 99742-5960  
CPF: 128 579 997-63  
RG: 21 489 572-4